

OS ANOS CERRADOS

ENTRE TENSAS SESSÕES NO CINE BRASÍLIA E OS PROTESTOS DOS ESTUDANTES, BRASÍLIA TAMBÉM VIVEU SEUS ANOS REBELDES

CELSO ARAÚJO

Os anos rebeldes de Brasília ainda não foram contados, mas dariam também em polêmicas adaptações para a televisão e, se dependesse dos que aqui viveram aqueles anos conturbados, seriam contados com mais aprofundamento que a série escrita por Gilberto Braga para a Rede Globo. Brasília, espaço máximo da arquitetura moderna, foi cenário de momentos tensos, trágicos e terríveis, mas houve também momentos de festa como num grande acampamento em que se celebrava uma nação.

Conversamos com quatro pessoas que viveram a época das passeatas e elas foram unânimes em criticar a superficialidade da série, apesar de reconhecerem a atualidade provocadora do tema. Maria José da Conceição, presidente do Sindicato dos Médicos, 42 anos; Luís Carlos Guimarães, micro empresário, 43 anos; Maria de Lourdes Teodoro, escritora e professora na UnB, 46 anos, e Rogério Costa Rodrigues, ex-professor na UnB e crítico de cinema, 56 anos.

Os anos 60, para os que viviam em Brasília, foram de muita ditadura e um certo hippismo, cidades antigas de Goyaz e *nouvelle vague* na Escola Parque. Histórias dramáticas, outras hilárias.

Uma miragem — Maria José da Conceição, a Maninha, chegou a Brasília em 67, com 18 anos, vindo de Januária, Minas Gerais. Estudara em Belo Horizonte, uma cidade convencional, e veio parar num lugar no qual não conhecia ninguém. "Pra mim, era como uma miragem, uma cidade irreal".

O Minhocão ainda estava sendo construído, a UnB não tinha mais que sete mil alunos muitos, como Maninha, moravam nos bons alojamentos da Colina. A universidade era como se fosse uma superquadra, todos se conheciam, professores e alunos eram entrosados, eu vinha de uma formação rígida, filha de fazendeiros, e a universidade abriu pra mim e pra todos os colegas um universo no qual você tinha que construir alguma coisa".

A Universidade de Brasília foi o foco da rebeldia. Estava saindo o acordo MEC/Usaid (nada mais que a adaptação do ensino brasileiro às diretrizes do Estado norte-americano). Os alunos, muitos da elite política, filhos de ministros ou senadores, eram politizados.

A grande liderança era de Honestino Guimarães. Houve no Rio o episódio chamado Pera Dourada, no qual os estudantes trocaram um dos colegas por um espião do SNI que se infiltrara entre eles. Em Brasília, Maninha recorda ter ocorrido caso semelhante; trocaram uma moça-espia pelo próprio líder Honestino, depois de agitadas confabulações com os militares. Em 69, Maninha estava na Ação Popular Marxista-Leninista e no ano seguinte era da Ala Vermelha do PC do B. Em 71, perdeu na prisão um filho, foi torturada, viu amigos sendo torturados.

"Como não havia movimento popular organizado, nem sindicato, tudo se concentrava entre os estudan-



Maninha (canto direito) numa passeata estudantil nos anos de chumbo: movimentos concentrados nas mãos dos estudantes

tes e as manifestações sempre repercutiam a nível nacional. Sabíamos que a repercussão viria, que éramos o único canal de expressão e a repressão veio de forma massacrante. Mas tudo o que surgiu depois na política brasileira veio em decorrência do que fizeram os estudantes", avalia.

Expulsa da UnB em 70, Maninha só retornou em 72. Formou-se em Clínica Geral. Hoje tem três filhas. Foi casada com o agora professor Hélio Doyle. Pior que a própria tortura é ver a dos outros, conclui hoje.

Maninha tem um pouco de saudade. Dos cineclubes que eram uma mania e até da peça *As Luvas de Ema*, de Cassiano Nunes, em seu único papel para o teatro. "O boom cultural dos anos 60 no Rio e em SP também chegou aqui. Tínhamos concertos na própria universidade, filmes, debates e uma vida política intensa. Foi uma cidadania adquirida no peito e na raça e

ela tem que ser exercida hoje também".

Leitura e ação — Luís Carlos Monteiro Guimarães é irmão de Honestino Guimarães. Também era militante desde a adolescência. Estudou no Caseb e no Elefante Branco. "Na época, talvez por não vermos tanta televisão, íamos de tudo. Aprendi a ler com Monteiro Lobato. Nossa diversão era ler enciclopédias. Com quatorze anos, eu já conhecia Marx, Lenin, Proust, Kafka, Dostoiévsky e é claro que absorvi muito da luta política do meu irmão, apesar de depois divergirmos em alguns pontos".

Luís Carlos orgulha-se de ter passado no vestibular sem ter feito curso especial, mas foi impedido de se matricular na UnB. Como secundarista, ia frequentemente à universidade. "Nossas aulas eram como grandes discussões. Os professores não iam só dar a aula deles". Uma outra informação sobre a época que Luís Carlos gosta de dar: não existia a droga entre os estudantes mais ativos na política. "A droga foi incrementada no meio dos estudantes pela própria ditadura, que preferia um viciado a um militante. Após o AI-5, acredito, eles liberaram a droga de forma violenta. Nós discutíamos isso politicamente".

Hoje, Luís Carlos não tem mais atuação política. Mas é crítico em tempo integral. "Leio tudo. Ninguém sabe como funciona a repressão. Além da história do meu irmão, que foi morto pela ditadura, tivemos toda a casa invadida. Levaram os dois mil livros da nossa biblioteca e nunca nos disseram o que fizeram com eles".

Quanto à série da Globo, Luís Carlos critica o fato de o "herói" João Alfredo, por exemplo, não ter uma linha política definida, quando naqueles anos todos se exigiam uma filiação bem clara. "Quero ver se eles vão colocar o assassinato do Edson Luís no Calabouço. Aquilo foi o grande acontecimento daqueles anos, a nível nacional", mais que rebeldes, ele diz que aqueles foram os Terríveis Anos 60.

Sonho-Piloto — A professora Maria de Lourdes Teodoro foi das primeiras mulheres a lançarem um livro de poesia em Brasília, quando ainda era estudante no Elefante Branco. "Meu pai abriu o Eixo Monumental de picareta na mão".

"Vivíamos na ilusão de que éramos realmente um povo. Não esqueço da roupa nova, dos balões e dos fogos no dia da inauguração da cidade". Es-

tudante, Lourdes passou pelo Colégio Dom Bosco e pelo Caseb. "Havia clube de tudo, de poesia, de cinema, canto coral, jornalzinho, ouvíamos normalmente a Hora do Brasil", lembra-se. Lourdes morava na 708 Sul, que nos primeiros anos da década era o centro de Brasília. "Por isso, acompanhei todos os passos do golpe de 64. Várias vezes, vi os estudantes correndo da polícia nos blocos da 708. Eu ainda não compreendia tudo, mas já sabia que era a favor do Yankes, *Go Home*. Todos sabiam que o golpe militar era obra dos americanos. Só depois é que a população passou a achar que aquilo era bom".

Lourdes não militou em nenhum grupo, mas viveu também a angústia de um país governado pela intolerância. "Brasília, mais que rebelde, foi uma cidade criativa". No começo dos anos 60, havia uma identificação muito grande com o projeto de nação do

Geraldo Magela



"Eu não compreendia tudo, mas já sabia que era a favor do Yankes, *Go Home*"

Geraldo Magela



"Tinha uma vontade de me sentir muito mais brasileiro. De ter participação no que eu vivenciava"

Juscelino. Brasília expandira o desenvolvimento em todas as direções. Havia a idéia de um coração do país, uma política educacional. A cidade ia ser o piloto não só na arquitetura, mas na educação, na saúde, nas condições de vida. Quem não gosta de uma utopia dessas?"

Outros Brasília — Rogério Costa Rodrigues nasceu em Cambuquira, Minas, mas passou toda a infância no Rio. "Particpei de toda aquela alienação de Copacabana nos anos 50. Tínhamos muita pena de quem era brasileiro e não morava em Copacabana. Como na canção de Caetano Veloso, vivíamos na melhor cidade da América do Sul".

Em 62, Rogério chegou a Brasília. Formado em Direito, foi ser analista legislativo no Senado Federal. Descobriu aqui outros Brasília. Amigo do pessoal do Cinema Novo, Rogério lembra-se primeiramente das noites em que andava pelo Eixão. E lhe vinha sempre uma música muito tocada na época, na voz de Gilbert Bécaud: "Qu'est-ce que je vais faire de ma vie?"

Mas ele não abandonou os agitos cariocas. Todo fim de mês, pegava o avião e ia direto pra Copacabana. "Eu morava fisicamente em Brasília e espiritualmente no Rio. A passagem era baratíssima e eu ia a todos os teatros, exposições, cinemas. Eu tinha certeza que não ficaria muito tempo em Brasília, mas a crise do petróleo e os passos da passagem subiram, passei a ir de ônibus e as idas ao Rio foram rareando. Comecei a procurar coisas aqui".

As sessões diárias do Cine Brasília, o Cine Cultura, as danças por uma cidade sem trânsito e sinais. O golpe de 64, diz Rogério, trouxe revolta contra tudo. "Tive uma vontade de me sentir mais brasileiro, de ter mais participação. Fui muito influenciado pela esquerda festiva. Encontrei essa resposta de brasilidade aqui, convivendo com nordestinos, com o povo goiano, uma brasilidade que eu só vira nas minhas leituras de Graciliano Ramos ou no carioquismo de Noel Rosa".

Rogério foi um dos nomes mais ativos no movimento dos cineclubes. Um dos responsáveis por trazer a paixão pelo cinema à cidade. "Eu dizia: Brasília não tem nada. Se você parar uma carrocinha de pipoca numa quadra, já está fazendo um movimento cultural". Ele fez mais: com Paulo Emílio Salles Gomes, Geraldo Sobral e outros fundou o Clube de Cinema do Brasília. Sessões lotadas, debates calorosos. "Criou-se uma coisa aqui que era um correspondente às sessões do cinema Paissandu, sem o elitismo do Rio. O público brasileiro era mais apaixonado pelo cinema em si. Passávamos Welles, Truffaut, Buñuel, mas também filmes de Tarzan, musicais, de tudo, com o cuidado de não se deixar dividir o cinema em categorias". Um dia, as sessões de cinema começaram a ser cercadas pelos camburões da polícia. "Tudo podia ser considerado subversivo".

Livres — A cidade vivia uma oposição permanente dentro de uma coisa juvenil e poética, avalia Rogério. Encantadoramente rebelde. Passeatas, protestos, pedras na Casa Thomas Jefferson, banho d'água dos Brucutus. Todos queriam ser livres coletivamente. "Mas havia uma parte da juventude que ia para os clubes, tendo a possibilidade de viver uma vida elegante, acompanhando a última moda. Uma mulher de Brasília usava na maquiagem o que dez mulheres do Rio usavam. Lá era natural, aqui havia o excesso, já era a peruagem".

Dizendo-se um apaixonado pelas coisas perdidas no tempo, Rogério diz que o mais fascinante de Brasília, hoje, é o dinamismo das cidades-satélites. Responsável por disputadas aulas de cinema na UnB, Rogério foi demitido, foi reincorporado depois, mas não havia mais entusiasmo nem paixão. "Hoje, vivemos o aburguesamento natural de Brasília".



Carnaval num clube em 69: folia em melo à ditadura



1.000 Km de Brasília: o eixo virava um autódromo